

A POESIA NAS CARTAS DE AUGUSTO MEYER E MÁRIO DE ANDRADE: UM LABORATÓRIO DA CRÍTICA

MARCELO MARANINCHI *

RESUMO

O período mais dinâmico da correspondência de Mário de Andrade e Augusto Meyer, entre 1927 e 1932, coincide com a publicação de sete títulos de poesia. A abundância de comentários acerca da própria obra e de trabalhos um do outro confirma o valor das cartas – inéditas no que se refere à parcela remetida por Augusto Meyer – como um laboratório da crítica, em que exercícios de leitura elaboram um protocolo de probidade literária.

PALAVRAS-CHAVE: Mário de Andrade (1893-1945); Augusto Meyer (1902-1970); Modernismo Brasileiro; Poesia; Correspondência.

1. VISTA GERAL: FASES E LINHAS DE FORÇA

A correspondência de Augusto Meyer e Mário de Andrade circula por temas variados, como conversa franca, entre iguais. As mais de quarenta mensagens trocadas entre 1927 e 1938 vão do separatismo gaúcho à existência de deus – que Mário atesta por meio de um esquema paralógico, ilustrado por versos do povo. Vida literária, política, participação institucional, pesquisa etnográfica e sobretudo a poesia configuram suas linhas de força. O ponto de partida, ao que tudo indica, encontra-se na dedicatória de *Coração verde* (1926). Meyer dirige-se a Mário de Andrade como “a figura mais original do movimento moderno, o homem que escreveu o ‘Prefácio interessantíssimo’

* Pós-doutorando, IEB-USP, São Paulo, Brasil. E-mail: marcelo.maraninchi@usp.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4963-6133>.

e partiu em mil cacos o nosso velho convencionalismo poético”¹. Assina a dedicatória “com grande admiração”. Em abril de 1927, Meyer responde às impressões de Mário sobre *Coração verde*:

A sua carta foi um encanto para a minha curiosidade. Você é monótono à força de estilo. Mas não poderei aceitar todas as influências que descobriu no meu livrinho, Mário de Andrade. Haverá tanta gente dentro das minhas emoções? Em todo o caso, peço-lhe que retire o Cassiano Ricardo, superficial barrador de muros, e o Govoni que eu conheço ‘north-north-west’...²

Tratando de obras, personalidades, iniciativas editoriais e modos de sociabilidade, a correspondência reúne dados substanciosos sobre o modernismo brasileiro. Entre tantos aspectos, revela como diferenças poéticas (o rechaço a Cassiano Ricardo, por exemplo) articulam-se a disputas de grupo (as fraturas que o modernismo sofre na segunda metade da década de 1920). Augusto Meyer endossa as queixas pelo ambiente de polêmicas violentas, que levou à ruptura de Mário com Oswald de Andrade: “Oswald descobriu a pólvora e ameaça minar o cosmos. Bum! se acabou-se o que era mundo. É uma tal de falta de imaginação... cuspo e guspo”³.

A curiosidade pelo separatismo, de São Paulo como do Rio Grande do Sul⁴, ou o desacordo em relação a Osvaldo Aranha, assim como as referências insistentes ao “momento encrencadíssimo”⁵ e à imagem do Brasil como um “atoleiro enorme”⁶ trazem a política ao primeiro plano. Marcado por perspectivas estaduais em contraste, o diálogo revela também o interesse linguístico, musical e etnográfico dos dois escritores. Nos reparos que faz ao texto da “Prenda Minha”, por exemplo, Meyer comenta as imagens do lirismo campeiro, derivadas do pastoreio: “a mulher cantada é

1 Dedicatória autógrafa. Coleção MA. Biblioteca IEB-USP.

2 Carta de 29/04/1927. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4727.

3 Carta de 21/05/1929. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4733.

4 Carta de 16/07/1928 (Andrade, 1968, p. 58-65).

5 Carta de 12/08/1930. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4734.

6 Carta de 30/07/1931. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4737.

uma vaguilhona, o amor é um tiro de laço, – a poesia desse gênero tem um gosto cru e diretamente ligado ao feitio do trabalho que era a expressão da terra”⁷.

Anos de remessa farta entre Porto Alegre e São Paulo alternam-se, contudo, com o silêncio e a ruptura: do intercâmbio vivo (1927-1932) passa-se a um vácuo de mais de dois anos (1932-1935), logo à retomada do diálogo e a sua fratura definitiva (1935-1938). Na primeira fase, em que vamos nos deter, destacam-se os projetos literários, poesia à frente. Ganham peso progressivo, no mesmo período, os assuntos brasileiros e as referências ao momento político. Interrompido o diálogo em 1932, a carta seguinte, de 1935, confessa o ressentimento de Mário de Andrade pelo suposto silêncio de Meyer desde a insurreição paulista contra Getúlio Vargas. A dedicatória calorosa de Augusto Meyer no exemplar de *Machado de Assis* (1935) quebrará o mal-estar entre os dois⁸.

Na segunda fase (1935-1938), os exercícios de leitura dão passo a projetos institucionais e questões burocráticas. De 1930 a 1936, Meyer dirige a Biblioteca Pública do Estado e em 1938 assume o Instituto Nacional do Livro, ali permanecendo até 1956. Mário de Andrade chefia o Departamento Municipal de Cultura entre 1935 e 1938; logo colabora com o SPHAN. Muda-se para o Rio de Janeiro e leciona Filosofia e História da Arte na Universidade do Distrito Federal. A seu modo, o trânsito entre a criação literária e a chefia de instituições públicas põe em cena o que João Luiz Lafetá (1974) apontou como a mudança de ênfase do modernismo, quando o projeto estético dos anos 1920 deu lugar, na década seguinte, ao projeto ideológico estruturado.

Reunindo um feixe de dados e interesses, as cartas funcionam como uma “matriz de escrita”, espécie de “literatura sem os gêneros, sem as divisórias”, conforme propõe Brigitte Diaz (2016, p. 247). O empenho arquivístico do morador da Lopes Chaves legou uma coleção coesa – 24 cartas e sete livros com dedicatória que exibem a caligrafia clara, o pensamento sereno, a frase sempre bem construída de Augusto

7 Carta de 21/05/1929. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4733.

8 “Ao meu velho Mário de Andrade, com o carinho de sempre, com a grande admiração de sempre. // ‘no outro lado da cidade / o vento me dispersou...’ // Poeta velho, escreva // julho, 1935”. Dedicatória autógrafa. Col. MA, Biblioteca IEB-USP.

Meyer. Repartido entre o Arquivo e a Biblioteca do IEB-USP, lacrado (no que se refere às cartas) por cinquenta anos⁹, esse material inédito permite completar o diálogo dos dois modernistas, desenhado até aqui unicamente nas cartas de Mário de Andrade¹⁰.

2. LABORATÓRIO DA CRÍTICA

A criação literária domina a primeira e mais pulsante fase da troca. Nela é que vamos nos deter, dando ênfase às cartas de Augusto Meyer e buscando identificar como a discussão em torno da poesia formula um protocolo de “proibidade literária” que chancelará, segundo creio, o pacto epistolar dele com Mário de Andrade. O intervalo de 1926 a 1931 corresponde à publicação de nove títulos, sete deles no campo da poesia:

1926 - *Coração verde* (Porto Alegre: Livraria do Globo)

1927 - *Clã do jabuti* (São Paulo: Est. Gráfico de Eugenio Cupolo)

1928 - *Giraluz* (Porto Alegre: Livraria do Globo)

Duas orações (Porto Alegre: Livraria do Globo)

Macunaíma (São Paulo: Est. Gráfico de Eugenio Cupolo)

1929 - *Poemas de Bilu* (Porto Alegre: Livraria do Globo)

1930 - *Remate de males* (São Paulo: Eugenio Cupolo)

Sorriso interior (Porto Alegre: Livraria do Globo, 1930)

1931 - *Literatura e poesia* (Porto Alegre: Tipografia Thurmann)

9 MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2007.

10 O Arquivo de Augusto Meyer, na Fundação Casa de Rui Barbosa, dispõe de um único item do escritor paulista: uma carta de 1935 (doc. nº 190), convidando Meyer a proferir uma conferência em São Paulo. Outros documentos trazem apenas menções a MA (*Inventário...*, 1988, p. 96). Desse modo, a edição organizada por Lígia Fernandes (Andrade, 1968), com vinte cartas dirigidas a Meyer, permanece até o momento a fonte para essa parcela do diálogo. Para as cartas de Meyer, portanto, a referência é o código documental no Arquivo IEB-USP; para as de Mário de Andrade, o volume de 1968.

Diante dessa bibliografia expressiva, não surpreende que o centro de gravidade da correspondência tenha sido a produção lírica dos dois. Como lembra Geneviève Haroche-Bouzinac (1995, p. 161-189), cada correspondência de escritor relaciona-se de um modo específico com a obra literária: pode conter opiniões estéticas, aludir a matrizes da criação, testemunhar métodos de trabalho e dar origem a outros projetos (1995, pp. 161-189). Mas se as cartas ligam-se estreitamente aos livros (podendo esclarecer os poemas e seu processo de criação, e a seu modo participando da gênese de textos de crítica, como os artigos de Mário de Andrade para o *Diário Nacional* e a *Revista Nova*¹¹), nosso foco está em como a leitura da poesia serve de motor ao diálogo, como o exercício da crítica estabelece um pacto que se volta à compreensão da obra e da personalidade literária e a um trabalho de construção em torno da matéria brasileira que parte da lírica e chega às instituições políticas.

A correspondência de Mário de Andrade e Augusto Meyer refere-se a períodos anteriores a seu início, a exemplo do testemunho extenso do primeiro sobre sua formação estética e as origens de *Pauliceia desvairada*. Remete também a projetos embrionários, de longo prazo, como o *Dicionário musical brasileiro*, previsto para uma década de trabalho¹². Liga-se principalmente a obras recém-acabadas, dirigidas ao prelo e encaminhadas ao interlocutor¹³. Em si o fato determina o aspecto da colaboração entre os dois, que se desenvolve sobretudo como recepção crítica.

Quando Augusto Meyer analisa *Clã do jabuti*, os comentários iluminam, de fato, um modo de funcionamento da leitura. A percepção dele sobre o conjunto dos poemas, em abril de 1928, combina novidade e artifício: “Estilo original = impressão de preciosismo...”¹⁴. O efeito de artifício seria resultado, segundo ele, de peças demasiado intencionadas. Mário de Andrade teria se desviado do “fervor poético” para o “pinturesco”, compilando “ritmos e temas nacionais”. De um lado, “poemas tão humanos”; de outro, “temas aproveitáveis”. A fórmula que associa originalidade e preciosismo também incluiria uma preocupação “excessiva” de Mário de Andrade com a finalidade estética do idioma.

11 Os textos encontram-se em *Diário Nacional*, 14/10/1928, p. 6, e *Revista Nova*, n. 6, 1932, p. 109-110.

12 Carta de 22/01/1930 (Fernandes, 1968, p. 76-79).

13 “Si la correspondance est souvent muette sur le démarrage (toujours incertain) de l’oeuvre, elle se montre plus loquace, en revanche, lorsqu’il s’agit de commenter son achèvement” (Leriche & Pages, 2012, p. 3).

14 Carta de 15/04/1928. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4728.

A opinião de Meyer, no calor da hora, coincide com uma parcela decisiva da fortuna crítica de Mário. A relação entre sujeito, idioma e nacionalidade encaminha interpretações importantes de sua poesia. Em 1942, quando sugere um roteiro pelas faces do poeta, Antonio Candido (1942, p. 74) reconhece no autor de *Clã do jabuti* o poeta folclórico, que se manifesta no encantamento rítmico, repleto de virtuosismos saborosos. Manuel Bandeira, n'*Apresentação da poesia brasileira* (2009, p. 155), sublinha, desde a estreia de Mário de Andrade, a procura de formas e elementos de expressão. O poeta da *Pauliceia* teria convertido sua atividade intelectual em uma espécie de apostolado, focalizando a pesquisa linguística e o “abrasileiramento da linguagem literária”. Ao anotar o propósito de “influir para a unificação psicológica do Brasil”, Bandeira também considera a obra de Mário “mais exemplo do que criação”.

Voltemos às cartas. O virtuosismo do “Carnaval carioca”, poema de destaque em *Clã do jabuti*, deixaria Augusto Meyer “completamente frio” não fosse, segundo ele, a “irrupção admirável da voz interior”, da “sua voz [de MA]” (com o possessivo sublinhado), graças à qual o leitor é arrastado. Capaz de reproduzir sinesteticamente a música, o toque, o cheiro dos corpos, o poema reencontraria enfim o “afinamento de expressão” no momento em que a sensação turbulenta “lentamente se acalma no país das lembranças”. O critério de Meyer, como se vê, é a capacidade de a fluência rítmica se apoderar do leitor. A sequência capta uma mudança de andamento, primeiro a experiência do cordão carnavalesco (um “barulho dos diabos”), logo a serenidade reencontrada, quando o eu lírico adormece. Meyer faz a analogia com um quarteto de cordas de Beethoven, onde o *vivace* contrasta com o *lento assai*. Ao se acercar da música romântica e do carnaval de rua, a imaginação crítica procura “reproduzir o tremor íntimo” sentido no contato com “os versos puríssimos”. E tal aproximação, a bem da verdade, não é um capricho germânico. *Clã do jabuti* – que Telê Ancona Lopez (2007) associa ao *Buch der Lieder* de Heinrich Heine – exprime o desejo de “seguir, abrasileirando-o, o processo cantador” de Goethe, Heine ou Lenau¹⁵.

A mesma carta de Meyer sobre *Clã do jabuti* traz outros elementos reveladores do seu processo de leitura. Antes de tudo, o leitor teria o dever, para ele, de colocar-se à disposição da obra, de refleti-la e vibrar por meio dela. Se tal disposição se verifica, e os versos têm

15 Carta de 20/05/1928 (Andrade, 1968, p. 55).

resultado, o leitor se deixa arrastar pelo “embalo dançador”¹⁶. Discutido na carta, o método de leitura de Meyer assemelha-se a uma luta com o anjo, ou consigo mesmo. O ato de ler equivaleria a uma “invasão do outro Eu na zona das minhas sensações”. O desafio está nesse desalojamento, isto é, na resistência oferecida pelo Eu e na eficácia do texto em desarmá-la. No *post scriptum* da carta, os reparos de Meyer ao livro se atenuam: se “conhecesse o fundo popular dos poemas”, talvez tivesse se comovido, como se admitisse a parcela de responsabilidade dele, enquanto leitor, na falta de sintonia com a obra.

As opiniões sobre *Clã* ensejam uma réplica longa¹⁷, na qual Mário de Andrade aceita parte das críticas, mas também esgrime seus contra-argumentos, para verificar, junto com o interlocutor, o ajuste entre as intenções e o resultado. Diante da crítica de que os poemas pudessem ser excessivamente visados e conscientes, Mário caracteriza a intenção como mais complexa e sincera do que parecia à primeira vista. O conhecimento extenso das formas populares e o critério de comoção autêntica teriam pautado a redação do livro, como se as peças fossem “mandadas não sei por quem”, como uma escrita “fatalizada”. Bastante romântica, essa noção parece afinar-se ao “fervor poético” valorizado por Meyer como a origem de poemas “tão humanos”. Para Mário, no entanto, sinceridade e consciência não são incompatíveis. Para ser sincera, a comoção não teria de ser menos consciente. Como vimos, o propósito seria abrigar o “processo cantador” dos alemães. Ao citar Goethe, Heine e Lenau, adianta uma ideia-chave em *Macunaíma*: “a temática lendária nacional põe à mostra caracteres psicológicos”¹⁸ na formação primitiva das nacionalidades.

Ainda na carta de abril de 1928, Meyer anuncia para muito em breve a remessa de um novo livro, cujo título “não significa nada, mas parece muito bonito”¹⁹. O exemplar autografado de *Giraluz* prepara o terreno da recepção:

Ao Mário de Andrade, com um grande abraço. Leia recebendo e não reagindo. Calma no Brasil. Torto mas vivido. Falta absoluta de unidade

16 Carta de 15/04/1928. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4728.

17 Carta de 20/05/1928 (Andrade, 1968, p. 49-57).

18 Carta de 20/05/1928. *idem*, p. 55.

19 Carta de 15/04/1928. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4728.

formal. Cada livrinho meu tem de ser uma aventura nova. Aliás, V. já explicou isso no prefácio do *Losango* – e como...

Sempre o seu

Augusto Meyer

1928²⁰

No limiar do volume, a recomendação cristalina. Todo livro que implica algo de novidade, segundo a visão de Meyer, solicita um recuo prudente do leitor, um espaço para experimentar o novo (é verdade que a disposição de reagir serenamente à novidade não parecia tão presente na recepção do *Clã*). Nos versos de *Giraluz*, segundo Tania Carvalhal (1984, p. 79), Meyer demonstraria “melhor domínio da linguagem”. A duplicidade do poeta exibe-se em uma tonalidade dramática, de matiz noturno e feições por vezes supra-reais.

Mário de Andrade dá notícia da leitura de *Giraluz* poucos meses depois. Começa pela descrição das circunstâncias de contato com o livro. Pela carta de setembro, 1928, percebe-se que o prazer e a elaboração crítica dependem do quadro propício. Tanto o entorno objetivo – o espaço onde lê, o clima ou a hora do dia – como as preocupações íntimas ou políticas do leitor, as dívidas, os afetos ou os compromissos compõem a cena de leitura. Mário de Andrade confessa na carta que os poemas de *Giraluz* não encontraram, de início, a circunstância adequada: “Recebi *Giraluz*, principiei lendo logo, se lê duma assentada (me falei) parei no meio pra não desrespeitar mais os versos de você. Não estava gostando me fatigava e me depreciava abatedoramente. Então fui esperando com paciência”²¹. O relato dá conta do desencontro entre o leitor e o texto. Alinha-se à visão de Augusto Meyer sobre os requisitos para a boa leitura. Aqui, porém, a experiência é vivida em negativo. O cansaço e a debilidade de saúde, assim como as dívidas, teriam impedido a apreciação de *Giraluz*. A indisposição física, que significa também uma indisponibilidade espiritual, chegariam a configurar, como se viu, um desrespeito. As condições felizmente alteram-se. Dormir e acordar cedo, de manhãzinha, tomar um banho frio, gozar o espírito desperto: eis o que Mário qualifica,

20 Dedicatória autógrafo. Coleção MA. Biblioteca IEB-USP.

21 Carta de 17/09/1928 (Andrade, 1968, p. 65).

não sem boa dose de graça, como a doçura da moralidade²². Aí sim o livro pode ser lido de modo fluente, com o espírito desperto: “Agora sem fadiga, agora poesiando mesmo, sentimento pegando com pontaria as coisas bonitas no ar”²³. Ao concluir a leitura, de novo o cansaço. Mário de Andrade imprime ao ato de ler uma tonalidade romântica, de *Einfühlung*, que exige tanto do leitor que podia ser proscrito pelos médicos²⁴.

No mérito, a percepção sobre *Giraluz* é de um “progresso vasto sobre *Coração verde*”²⁵. O curioso é que os critérios do progresso não estão distantes dos reparos de Augusto Meyer a *Clã do jabuti*. Mário percebe em *Giraluz* uma sinceridade lírica maior, censurando o aspecto de tese do volume anterior. Ele se entusiasma com o emprego da fala brasileira – “sereníssima, máscula, bem adequada, sem nenhum perigo de desagradar nem arrepiar ninguém que seja medianamente homem”²⁶. Os avanços significavam que Meyer estaria “mais visivelmente” ele mesmo²⁷. No emprego da fala, cujo viés popular se acentuará em *Poemas de Bilu*, Mário ressalta expressões de “uma felicidade rara” justamente porque “fatais no momento”. E abstém-se de censurar o que considera um “excesso de cautela” de Meyer, espelhando também aí um juízo do escritor gaúcho sobre ele por ocasião do *Clã*: “V. é o homem dos extremos dominados – às vezes dominados por demais – anda neste excesso o meu reproche”²⁸.

Em junho de 1931, quando escreve da Biblioteca Pública, onde ocupa o posto de diretor, Meyer confirma a percepção da leitura condicionada a fatores externos. O inverno em Porto Alegre – “frio danado” de “chuva e minuano” – é um “tempo lindo pra roer livros”²⁹. A leitura sujeita a fatores extra-textuais traslada-se para o exercício público da crítica. No ensaio sobre João Simões Lopes Neto, Meyer também

22 “Estou me deitando (menos sábados e domingos...) às vinte e três santamente. Levanto às sete e trabalho. Principiei nesta vida este mês e por enquanto vou me dando bem. Descobri a moralidade que é uma coisa de fato dulcíssima” (Andrade, 1968, p. 103).

23 Carta de 17/09/1928. idem, p. 66.

24 Em 1922, Ribeiro Couto escrevia a Mário de Andrade: “Não perca o conselho médico, quando esse conselho diz: não leia, não escreva, vá para o mar.” Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL2341.

25 Carta de 17/09/1928. idem, p. 67.

26 Carta de 17/09/1928. idem, p. 68.

27 Carta de 17/09/1928. idem, p. 67.

28 Carta de 15/04/1928. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4728.

29 Carta de 29/06/1931. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4736.

valoriza o espaço, que, ao coincidir com o cenário da obra, avivaria a penetração: “Eu já tive a sorte de ler os *Contos Gauchescos* numa velha casa de estância, com as janelas abertas sobre os horizontes limpos da campanha”³⁰. No mesmo âmbito, porém com sinal trocado, isto é, tratando da leitura que resiste à intempérie histórica, está o trecho sobre a polêmica entre antropofágicos e neocatólicos. Meyer qualifica o caso de “pura trampa”, “besteira” e “mania nacionalíssima de tricas e diz-que-diz”. Rejeita incisivamente o embate. Mas, a despeito do desgosto visceral pelo momento literário, a leitura do *Compêndio de história da música* asserena. O modo como Meyer caracteriza a prática é retomado textualmente por Mário na carta seguinte, igualmente desgostoso com as polêmicas: “Ler ainda é uma coisa limpa”³¹.

Passemos a *Macunaíma*. Pertencendo a outro enquadramento de gênero, mas qualificado pelo autor como “rapsódia”, o livro interessa ao argumento deste trabalho ao reforçar, na experiência de leitura, os contornos do pacto epistolar. Ainda ensaiando o envio do volume, Mário considera-o uma “coisa tremenda” e anota a percepção oscilante em relação ao livro, entre o “horrível” e o “muito bom”³². Insiste, isso sim, em preparar o espírito de Meyer para que não tomasse a obra como simples brincadeira: “Uma coisa me parece certo: é que ele não é a aparência de pândega que tem”. Ao contrário, *Macunaíma* seria uma “sátira perversa”. A dúvida obsessiva quanto ao valor da obra reforça a expectativa do *feedback*: “exijo franqueza absoluta”³³.

De primeiro, Augusto Meyer registra o superlativo genérico: “deve ser a melhor coisa que V. inventou até agora”³⁴. Fixando o seu protocolo, pede tempo para apreciar a obra com calma. Já vimos que a dedicatória de *Giraluz* falava em “Leia recebendo e não reagindo. Calma no Brasil” – assim, a serenidade será um dos requisitos firmes de sua crítica. No mesmo sentido, a carta de outubro de

30 Tânia Carvalhal (1987, p. 20) assinala o peso da leitura na dinâmica de interpretação dos ensaios de Meyer: “Sua forma de acercar-se ao texto, de perseguir seus movimentos e a composição que o organiza, recompõe no ensaio as modulações da própria leitura”.

31 Carta de 21/05/1929. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4733.

32 Carta de 16/07/1928 (Andrade, 1968, p. 58).

33 Carta de 16/07/1928. *ibidem*, p. 58.

34 Carta de 29/08/1928. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4730

1928 prevê estudos de Meyer sobre *Macunaíma*, *Laranja da china*, *A Baianinha*, *A Bagaceira* e noticia a publicação, dentro em pouco, de *Poemas de Bilu*.

Afetado pela história do herói sem caráter, sempre matutando nele, Meyer volta ao assunto em março de 1929. Promete “escrever ainda este outono uma página de interpretação”³⁵, promessa que se cumpre na edição de estreia da *Revista do Globo*³⁶. Mário terá acesso à crônica meses mais tarde. Considera-a “clarividente como nenhuma outra, uma síntese admirável cheia de verdades, e duma fixação do tipo que me pareceu muito justa”³⁷. Na carta, queixa-se do não envio do recorte, o que confirma a inquietude pela opinião do outro, e insiste que *Macunaíma* lhe escapa, pois o livro assume sentidos diversos conforme o leitor. Apesar da “vagueza simbólica da obra”, ele lamenta interpretações equivocadas e encarece o juízo de Meyer: “Achando o seu [*Macunaíma*], tive o prazer de mais ou menos me achar pelo muito em que coincidimos, eu na intenção, você na compreensão, e pude por isso voltar de novo aos pagos tristíssimos da alma do meu herói”³⁸.

Apadrinhada por Meyer, a rapsódia modernista faz sucessivos “nocautes” no meio literário de Porto Alegre. Primeiro é Teodomiro Tostes, que fica “besta de espanto”³⁹ com a história e põe o livro no patamar do *Ulisses* de Joyce. Depois é Athos Damasceno Ferreira que “vive de *Macunaíma* em punho, recomendando leitura imediata até pra cavalheiros respeitáveis que podem se queimar com o herói sem nenhum caráter”⁴⁰. Tanto cartaz vem junto à notícia de que os exemplares se esgotaram, e nem a Biblioteca dispõe de um. Meyer insiste também que o artigo para a *Revista do Globo* teria sido insuficiente, já que a obra “renasce a cada leitura”, “parece mandinga”⁴¹, “gruda na gente como pega-pega”⁴², “é sempre uma reserva de surpresas”⁴³. Ele prevê então um

35 Carta de 30/03/1929. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4732.

36 “Macunaíma, por Mário de Andrade”. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 1, p. 31, 1929.

37 Carta de 02/12/1929 (Andrade, 1968, p. 75).

38 Carta de 02/12/1929. idem, p. 75.

39 Carta de 30/07/1931. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4737.

40 Carta de 10/02/1932. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4740.

41 Carta de 21/05/1929. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4733.

42 Carta de 12/08/1930. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4734.

43 Carta de 29/06/1931. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4736.

trabalho sobre *Macunaíma* e *Cobra Norato* – “as duas coisas supimpas do movimento [modernista]”⁴⁴ – e reafirma a necessidade da releitura vagarosa⁴⁵.

As remissões a *Macunaíma* justificam-se pelas nuances que agrega a seu protocolo de leitor. Afins à matéria literária, os termos emprestados do universo da magia – mandinga, ressurreição, excitação, dor – significam uma variação na leitura como “invasão do outro Eu”. Bem longe da luta com o anjo, a “farra lírica”⁴⁶, conforme Meyer o classifica a certa altura, impele o leitor a mergulhar na “deliciosa safadeza do herói”. É no campo arrebatador da *jouissance* que ele situa a obra, entregando-se ao deleite prolongado: “Quando retomo o livro, paro no gozo”⁴⁷.

Dando uma pista sobre o modo como os juízos de um reaparecem na pena do outro, Meyer recupera a falsa aparência de “pândega” de *Macunaíma* quando noticia a publicação de *Poemas de Bilu* (1929). Como de costume, a carta propõe o enquadramento de expectativas. O livro é apresentado, em outubro de 1928, como um “repertório de irreverências poéticas, tudo impregnado de popularesco”⁴⁸. Segundo o autor, como “coisa nova e viva”, Bilu propiciaria a “cura do espírito pela brincadeira gratuita” e daria vazão à “necessidade estética (e moral) de escrever macunaimadas”⁴⁹. A atitude brincalhona e popularesca seria mais séria, para o modernista gaúcho, do que “a gravidade parnasiana”. O “popularesco” – que, como aponta Ligia Chiappini, representa um modo de relacionar-se à matéria regional⁵⁰ – já figurava na crítica de Mário sobre *Giraluz*. Bilu acentua a inclinação de Meyer ao auto-exame, agora em timbre histriônico; ele é a máscara que “se permite tudo dizer e fazer” (Carvalhal,

44 Carta de 16/02/1932. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4741.

45 Carta de 29/06/1931. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4736.

46 Carta de 30/07/1931. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4737.

47 Carta de 03/01/1932. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4738.

48 Leandro Pasini explora com acerto as proximidades entre o alter-ego de Meyer e o herói sem nenhum caráter: “Essa personalidade afim à de Macunaíma, que também se coloca sob o signo de Exu, passa a estabelecer um diálogo novo com a obra de Mário de Andrade, em que são destacados os seus aspectos de inconformismo, de inquietação subjetiva e de confrontação social” (Pasini, 2016, p. 193).

49 Carta de Outubro/1928. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4731.

50 “O modernismo regionalista e simbolista do Rio Grande seria, assim, fruto do mergulho na tradição, com base na retomada da cultura popular, oral, recontando a seu modo mitos e lendas, para criar uma nova sintonia com a natureza e as pessoas que habitam as diferentes regiões da ‘terra gaúcha’” (Chiappini, 2022, p. 208).

1987, p. 17). A reação epistolar de Mário de Andrade ao livro mimetiza as estripulias do eu lírico, recriando o efeito dos poemas sobre o leitor:

Seu Augusto Meyer, um hurra parabenizado pelos *Poemas de Bilu*. Gostei burramente do livro, gozei, me encharquei dele, me chafurdei de sem-vergonhice puríssima como os anjos, fiquei com vontade de andar de pernas no ar, só pra os outros embirrarem comigo[,] fiquei num não meamolismo suficiente, duma empáfia tão florida que parecia mato com quaresmeiras em flor, que vida linda! Não posso dizer que é o livro mais perfeito de você porque cada um deles tem uma perfeição diferente. Mas é admirável, o livro na certa mais forte e mais incisivo de você. Choca, dá de chapa, move e fere. Gostei de verdade e gostei muito. Um abraço chupado por ele.⁵¹

Passada a efusão, modifica-se o enfoque. Dispensando a análise em detalhe das peças, Mário de Andrade afirma ter gostado do livro “em bloco” e direciona a conversa a seu aspecto etnográfico, a partir de expressões encontradas na obra. Questiona, por exemplo, se a expressão “vou contar tudo pra titia”, na boca do tico-tico, seria uma forma popular de se referir ao canto do pássaro, e se “levanta poeira” seria utilizado como expressão folclórica ou “por precisão do assunto”. Pergunta ainda sobre o “sentido exato e total” dos velórios no sul do Brasil e pede a letra do “Passa-passará”, brincadeira infantil cantada por Bilu. Cruzando linhas, o material lírico é percebido como documento de pesquisa.

No trato com *Remate de males* (1930) – que inaugura o “apogeu poético” de Mário de Andrade, segundo Antonio Candido (1942, p. 75) – Augusto Meyer reafirmará o imperativo das condições propícias, como também a necessidade de voltar sereno e ruminante ao texto. Este será o último título de poesia de Mário tratado na correspondência. O protocolo avançado da diretriz inicial dos pré-requisitos mencionados há pouco para incluir um dado a mais. Meyer retoma outra vez a discussão em torno de *Clã do jabuti* ao observar em *Remate de males* o “mesmo cuidado de disciplina”, porém

51 Carta de 22/01/1930 (Andrade, 1968, p. 76).

dotado de “uma complexidade lírica mais profunda”. Como vimos, ele fazia ressalvas à coleta de temas pela intenção excessivamente consciente, que sacrificaria o fervor poético. O parecer é emitido agora em outros termos: as “dominantes pré-traçadas” de *Clã do jabuti* teriam implicado um “prejuízo da riqueza lírica”. O livro de 1927 seria essencialmente monódico, provido de uma tonalidade definida, enquanto *Remate de males* representaria o retorno à complexidade de *Pauliceia desvairada*, onde Mário de Andrade formulara a teoria do verso harmônico. Esse retorno seria composto “com mais economia de timbres” e mais “raiz humana”, repleto de “voltas e voltinhas” e “atalhos indicados”⁵². A sonoridade e a musicalidade novamente têm importância. A nota epistolar sobre o poema “Eco e o descorajado” reforça o papel do som. Com a publicação na revista *Para todos*, Meyer já observava, em outubro de 1928, a leitura “deliciosa”: “Recitei (ou li) para o pessoal na porta do Globo – foi um sucesso”⁵³. Na carta de dezembro de 1930, ele recupera a memória do poema, sem a hesitação entre ler e recitar: “Tive a alegria de encontrar [em *Remate*] conhecidos velhos: ‘Eco e o descorajado’ (que eu recitava logo que apareceu a alguns camaradas só pelo gosto de botar toda a minha fanhosidade disponível naquele *Nhããn...* final e genial.)”. Meyer considera o poema a partir das propriedades sonoras e da experiência de recitação, que inclui o prazer do *diseur* e os potenciais efeitos da dicção sobre o público.

Mais complexo, portanto, *Remate de males* teria o “sopro mais largo” – o que não exclui a percepção vocal, pelo fôlego que a leitura exige – dotado de “coisas com um sentido mais gratuito de poesia”. Inéditas no tom, certas peças como os “Poemas da Negra” e os “Poemas da Amiga” seriam diferentes de toda a produção anterior de Mário de Andrade. Meyer reitera a perspectiva de conjunto e seu protocolo: “eu me imponho sempre uma atenção carinhosa sobre estas coisas lindas da poesia”⁵⁴. O comentário culmina no desejo de preparar um estudo amplo sobre a poesia de Mário de Andrade. Em ambos os polos, a disponibilidade e a franqueza crítica esclarecem o pacto epistolar: trata-se de interpretar o texto e, em decorrência, a personalidade artística. Mais que um dado auxiliar, a correspondência encena o

52 Carta de 12/08/1930. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4734.

53 Carta de Outubro/1928. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4731.

54 Carta de 12/08/1930. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4734.

desejo de compreender um ao outro, que pode transbordar da leitura epistolar para exercícios (efetivos ou simplesmente fantasmados) de crítica.

Já em 1928, Meyer dizia: “quero escrever um estudo bem ruminado sobre v., a sua influência que eu considero notável, mostrar a significação do seu romantismo de procura. Não pretendo bancar o crítico, mas satisfazer a minha simpatia”⁵⁵. Em 1930, com o novo livro, o mesmo desejo encontra voz: “Me dá raiva porque ainda não achei jeito pra escrever com decência sobre a obra de você. Esperemos que um dia venha o estalo do Padre Vieira”⁵⁶. A ambição de análise, no caso de Mário, estende-se ao conjunto do modernismo gaúcho, afixando critérios em termos de “valor social”:

E vá desde já preparando em segredo uma série de informações “sociais” sobre os modernistas daí pro meu estudo sobre o Modernismo gaúcho. Quero dizer: não quero fazer confusão de valores e não quero esquecer nenhum dos “valores”. Isso de longe sempre pode suceder e conto nisso com os conselhos de você. Está claro que você não poderá se situar. Porém disso eu me encarrego. Veja bem: falei em valor “social” porque isso me interessa muito, respeitar e estudar pela obra os que estão influenciando intelectualmente no ambiente, orientando, aconselhando, amedrontando. [...] Veja o que pode me mandar que me auxilie porque de fato gosto da obra de vocês, admiro a unidade superior do movimento gaúcho de grande importância social e normativa, e também certa feição regionalista por demais me desagrada: vou dizer tudo e queria dizer profundo, com conhecimento de causa. Leviandade seria indigno de vocês. E pode ter certeza que guardo segredo pra nós dois das informações, que você me mandar.⁵⁷

Literatura e poesia (1931) é anunciado, a 30 de julho, como documentação lírica dos *Poemas de Bilu*. De fato, vários textos têm correspondentes em uma e outra obra, de modo que o livro seria uma variação em prosa do “delirismo bilusiano” (Carvalhal,

55 Carta de 28/05/1928. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4729.

56 Carta de 12/08/1930. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4734.

57 Carta de 19/11/1928 (Fernandes, 1968, p. 69).

1984, p. 104). O caráter auxiliar é reafirmado por Meyer mais adiante, chamando a obra de “livrinho” e seu conteúdo de “notinhas à margem”, “sem maior importância”⁵⁸. Apesar da modéstia do autor, que rebaixa as expectativas, Mário apressa-se quando o livro chega a São Paulo: “Li o ex. da *Revista Nova* e meus abraços pela gostosura que está”. O desconforto pela posição de crítico e diretor da revista não impede de ressaltar o valor da obra: “Só farei crítica em casos excepcionais. Como é o seu caso, gosto às carradas e digo que gosto voluptuosamente”⁵⁹. Assim, nas páginas da *Revista Nova*, Mário saudará a “mestria notável” da estreia de Meyer na prosa: “Prosa que é insolúvel poesia, eu sei; mas que fugindo ao compromisso desculpador de qualquer verso prova mesmo que o grande poeta é dos poucos que tem sempre alguma coisa pra nos dizer”⁶⁰.

A inquietude com o livro permite compreender o que Meyer chama “probidade literária”, expressão que ajuda a perceber o protocolo de leitura elaborado na correspondência. Além de queixar-se da revisão problemática e teimar no diminutivo para qualificar a obra, os comentários fixam um critério forte para diferenciar a produção literária:

Na carta que mandei há uns dias me esqueci de mandar dizer o seguinte (questão de probidade literária pra mim): que ‘Literatura e poesia’ não deve ser levado a sério como livro; não tive intenção de fazer livro, construir livro (um livro pra mim foi sempre até agora necessidade de botar em dia a escrita, marcar escala, me escutar como era no momento etc.). ‘Lit. e poesia’ ficou na gaveta, se pode dizer assim, pois nem ao menos costurei os remendos, agarrei as notículas desovadas à margem dos ‘Poemas de Bilu’ e meti tudo na tapeação de uma capa – vá! Logo não tem sentido como expressão necessária (pra mim, no momento), é caderno de notas, repertório e misturada de documentos brutos. Isto me parece que V. logo adivinhou. Porém não gostaria que pensasse que boto na rua o monstro como quem solta foguete. Está cheio até de besteirinhas atrozes, e não digo só

58 Carta de 03/01/1932. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4738.

59 Carta de 06/01/1932 (Andrade, 1968, p. 95).

60 Andrade, 1932, p. 110.

apreciando a paçoca do ponto de vista Invenção E Técnica, digo que me irrita principalmente como troço moloide, não fede nem cheira, que é. Convém, portanto, saber que ‘Lit. e P.’ se apresenta como simples bananada, ou goiabada cascão, si quiser. Enquanto compunha o Bilu, atirava pra todos os lados notas (estudinhos, confidências mesmo) e são elas que surgem agora, bancando o volume, muito convencidas, muito ‘nós, as laranjas...’.⁶¹

Confrontados, o acaso e o projeto retomam, com sinais aparentemente trocados, as balizas de leitura de *Clã do jabuti*. Pois agora é a intenção, o propósito, que dão seriedade a um livro, não tanto a raiz humana ou o fervor poético. Entusiasmado, Mário insistirá na valoração positiva da obra: “São notas, mas notas como raros podem anotar nestes brasis”. E destacará frases do “Discurso do Zaori” que ele reputa “ua maravilha”⁶².

3. NOTA FINAL SOBRE O PACTO EPISTOLAR

Vimos que entre 1927 e 1932 o diálogo de Mário de Andrade e Augusto Meyer estende-se em considerações sobre a produção lírica um do outro. Como a correspondência não submete a obra ainda em preparo ao crivo do interlocutor, não se observa uma relação de mentoria ou a criação compartilhada. A conversa desdobra-se em um esforço de interpretação, baseado na boa disposição de leitura, no exame criterioso e na expressão franca. Estabelece-se um regime de parceria. O percurso procurou sustentar o valor autônomo das cartas, independente de serem um documento ou etapa redacional de outras obras. De fato, as cogitações epistolares registram o processo criativo, e admitem a abordagem que as tome em sua relação com trabalhos publicados – como artigos sobre *Giraluz*, *Macunaíma*, *Literatura e poesia*. Busquei indicar, em paralelo, que o debate em torno da poesia

61 Carta de 06/01/1932. Arquivo IEB-USP. Fundo MA. MA-C-CPL4739.

62 Carta de 28/02/1932. ANDRADE, 1968, p. 97.

fixa o pacto epistolar e mantém viva a troca. Brigitte Diaz (2016, p. 241), que se contrapõe a uma concepção, digamos, mais instrumental do gênero, considera que a correspondência, sendo um laboratório crítico, contribui “mais ainda para a gênese de um ‘ser escritor’” (2016, p. 241). As cartas encarnam um exercício de compreensão da obra e da personalidade artística. A acentuada procura de si, que na poesia de Mário de Andrade se exhibe em numerosas máscaras autorais (Lafetá, 2004) e, em Augusto Meyer, na postura interrogativa diante do espelho (Carvalho, 1984), encontra equivalências na promessa nem sempre cumprida de destrinchar o outro. Nesses anos decisivos, em que o modernismo passava a viver dissensões e fraturas – visíveis na correspondência –, meu palpite é que Mário de Andrade e Augusto Meyer encontraram um no outro um de seus leitores mais sutis. Voltados sobretudo à poesia, os exercícios de leitura desses dois poetas-críticos são um aspecto decisivo, segundo entendo, para o estabelecimento e a manutenção do pacto epistolar, que se liga a um projeto intelectual e literário empenhado, adensando as tentativas de inovação poética pela pesquisa das formas populares, assumindo a chefia de instituições públicas, orientando políticas e servindo ao Estado, com suas possibilidades e contradições ampliadas.

POETRY IN THE LETTERS OF AUGUSTO MEYER AND MÁRIO DE ANDRADE: A LABORATORY FOR CRITICISM

ABSTRACT: The most dynamic period of correspondence between Mário de Andrade and Augusto Meyer (1927–1932) coincides with the publication of seven volumes of poetry. The abundance of comments on their own works as well as on each other’s writings confirms the value of the letters—unpublished in the case of those sent by Augusto Meyer—as a laboratory of criticism, where reading exercises establish a protocol of literary probity.

KEYWORDS: Mário de Andrade (1893-1945); Augusto Meyer (1902-1970); Brazilian Modernism; Poetry; Correspondence.

LA POESÍA EN LAS CARTAS DE AUGUSTO MEYER Y MÁRIO DE ANDRADE: UN LABORATORIO DE LA CRÍTICA

RESUMEN: El período más dinámico de la correspondencia entre Mário de Andrade y Augusto Meyer (1927-1932) coincide con la publicación de siete títulos de poesía. La abundancia de comentarios acerca de la propia obra y de los trabajos uno del otro confirma el valor de las cartas – inéditas en lo que se refiere a la parte enviada por Augusto Meyer – como un laboratorio de la crítica, donde ejercicios de lectura elaboran un protocolo de probidad literaria.

PALABRAS CLAVE: Mário de Andrade (1893-1945); Augusto Meyer (1902-1970); Modernismo brasileño; Poesía; Correspondencia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário. “AUGUSTO MEYER: *Literatura e poesia*”, in: *Revista Nova*, São Paulo, fev. 1932, nº 5, pp. 109-110.

ANDRADE, Mário de. *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*. Organização: Lúcia Fernandes. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968.

BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CANDIDO, Antonio. “Poesias”, in: *Clima*, São Paulo, jan. 1942, nº 8, pp. 72-78.

CARVALHAL, Tânia. *Augusto Meyer: crítico e poeta*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1987. (Coleção Letras Rio-Grandenses, 3).

CARVALHAL, Tânia. *A evidência mascarada: uma leitura da poesia de Augusto Meyer*. Porto Alegre: L&PM, 1984.

CHIAPPINI, L. Modernismo, Simbolismo e Regionalismo: a antropofagia particular dos “novos” no Rio Grande do Sul. *Literatura E Sociedade*, 27(36), 188-209, 2022. <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i36p188-209>.

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade*. Tradução Brigitte Hervot e Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *L'épistolaire*. Collection Contours Littéraires. Paris: Hachette, 1995.

Inventário do Arquivo Augusto Meyer. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, Centro de Literatura Brasileira, 1988.

LAFETÁ, João Luiz. *1930: A Crítica e o Modernismo*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974.

LAFETÁ, João Luiz. "A poesia de Mário de Andrade", *A Dimensão da noite*. São Paulo: Editora 34, 2004, p. 318-9.

LERICHE, Françoise; PAGÈS, Alain (orgs.). *Genèse & Correspondances*. Paris: Éditions Archives Contemporaines/ ITEM, 2012.

LOPEZ, Telê Ancona. Leituras e Criação: Fragmentos de um diálogo de Mario de Andrade. *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*. São Paulo, Brasil, n. 15, p. 62–95, 2007. Disponível em: <https://revistas.usp.br/manuscrita/article/view/177610>. Acesso em: 21 jul. 2025.

MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2007.

PASINI, Leandro. O Prisma dos Grupos: a difusão nacional do modernismo e a poesia de Augusto Meyer. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, [S.l.], v. 25, n. 2, p. 177-199, dez. 2016.

Submetido em 20 de maio de 2025

Aprovado em 15 de julho de 2025

Publicado em 28 de setembro de 2025
